

Por que é tão difícil *escutar* a violência sexual?

PATRICIA LAGES

PSICÓLOGA DO MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ

A construção
da sexualidade
infantil

Curiosidade
sexual infantil

Culpa

Sexualidade infantil

O lugar da
sexualidade na
relação pais-
bebê

O “banho de afeto”

Atividades da vida cotidiana – alimentação,
trocas, banho, brincadeiras

Zonas erógenas = zonas-fontes de prazer

Descoberta progressiva do corpo, despertar para
a sensualidade nas relações com os adultos

Linguagem da ternura, não da paixão; ajustando-
se ao seu nível de desenvolvimento

A curiosidade e
as teorias
sexuais infantis

Necessidade de saber

Modifica relações com os adultos

Respostas evasivas; contraditórias

Mensagem transmitida: tabu, não deve ser transgredido

Primeiras curiosidades sexuais → culpa
("Não é bom falar disso!")

Culpa

Instância moral – legisla sobre o bem e o mal

Primeiramente externa ao sujeito – pais e sociedade

Superego – interiorização dos interditos parentais

A culpa é relacionada à história pessoal

A culpa é facilmente “reativada” pelo adulto.

Descoberta do abuso:
trauma para a criança

Adultos não compreendem o comportamento da criança, que são opostos às suas expectativas, calcadas em projeções do que acreditam que seria sua própria reação.

Síndrome de adaptação

1. Segredo – a revelação parece mais perigosa que o próprio ato

2. Submissão à autoridade do adulto – cultura adultocêntrica

3. Adaptação à situação – sobrevivência

4. Revelação tardia e desacreditada – “Por que demorou tanto pra contar?”

5. Retratação – tentativa de restaurar o equilíbrio anterior à revelação

O trauma da
violência

O descrédito
2º trauma

A reação do
adulto
cuidador

Revitimação

O desmentido ou descrédito

O cerne de toda a questão da escuta e do depoimento especial

“Ao se sentirem ameaçadas e com medo, as crianças eventualmente procuram ajuda nas pessoas mais velhas que lhes inspiram confiança. As experiências de sedução se tornam ainda mais traumáticas e patológicas para as crianças quando, além da situação violenta, os adultos, antes reconhecidos por elas como protetores, não as acolhem e não dão crédito e importância a suas histórias. ‘O pior é realmente a negação, a afirmação de que não aconteceu nada, (...) ou até mesmo ser espancado e repreendido (...); é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico.’”

O “Desmentido” (s. Ferenczi)

É na relação com o adulto que a criança pode adquirir uma palavra própria. Assim, ao mesmo tempo em que toma emprestadas palavras do adulto, é a este que ela dirigirá sua palavra de forma a obter uma confirmação. **É sempre, portanto, por intermediação de um adulto que a palavra da criança poderá ou não ter a sua existência autorizada.** No caso em questão, ao negar a realidade do relato de abuso da criança, o adulto estaria impossibilitando o processo de apropriação e elaboração por parte da criança daquilo que, de fato, ocorreu.

A crise da
revelação e a
rede de
proteção



A Pessoa de Confiança

A pessoa que recebe a
revelação parcial

Não é escolhida ao
acaso

Profissional mais
importante para a
criança em todo o
processo da revelação

Especialista para esta
criança.

Não precisa ser
especialista em abuso
sexual

Deve ser ajudada por
outros profissionais



A Pessoa de Confiança é muitas vezes uma importante figura de apego no “mundo dos meio”, entre o lar que está perto demais e o mundo externo desconhecido no qual a criança não ousa confiar.

Da suspeita à revelação

01

A suspeita de
primeira linha

02

A suspeita de
segunda linha

03

A Revelação
Completa

Suspeita de Primeira Linha

- Vagas suspeitas iniciais – comportamentos; desenhos; textos escritos; referências verbais indiretas
- **Devem ser cuidadosamente documentadas**
- Sempre requer maior coleta e esclarecimento de informações, antes de qualquer intervenção
- Jamais deve ser compartilhada com membros da família, mas ainda permanecer na rede de profissionais

Suspeita de segunda linha

- Bem fundamentada e bem documentada
- É possível planejar a ação da revelação
- Mais profissionais envolvidos, além da Pessoa de Confiança

A crise dos Profissionais

- revelação do abuso igualada ao fato do abuso
- Sentimento de dever agir imediatamente
- Risco de promover uma Crise Familiar prematura

3 passos diante da revelação parcial

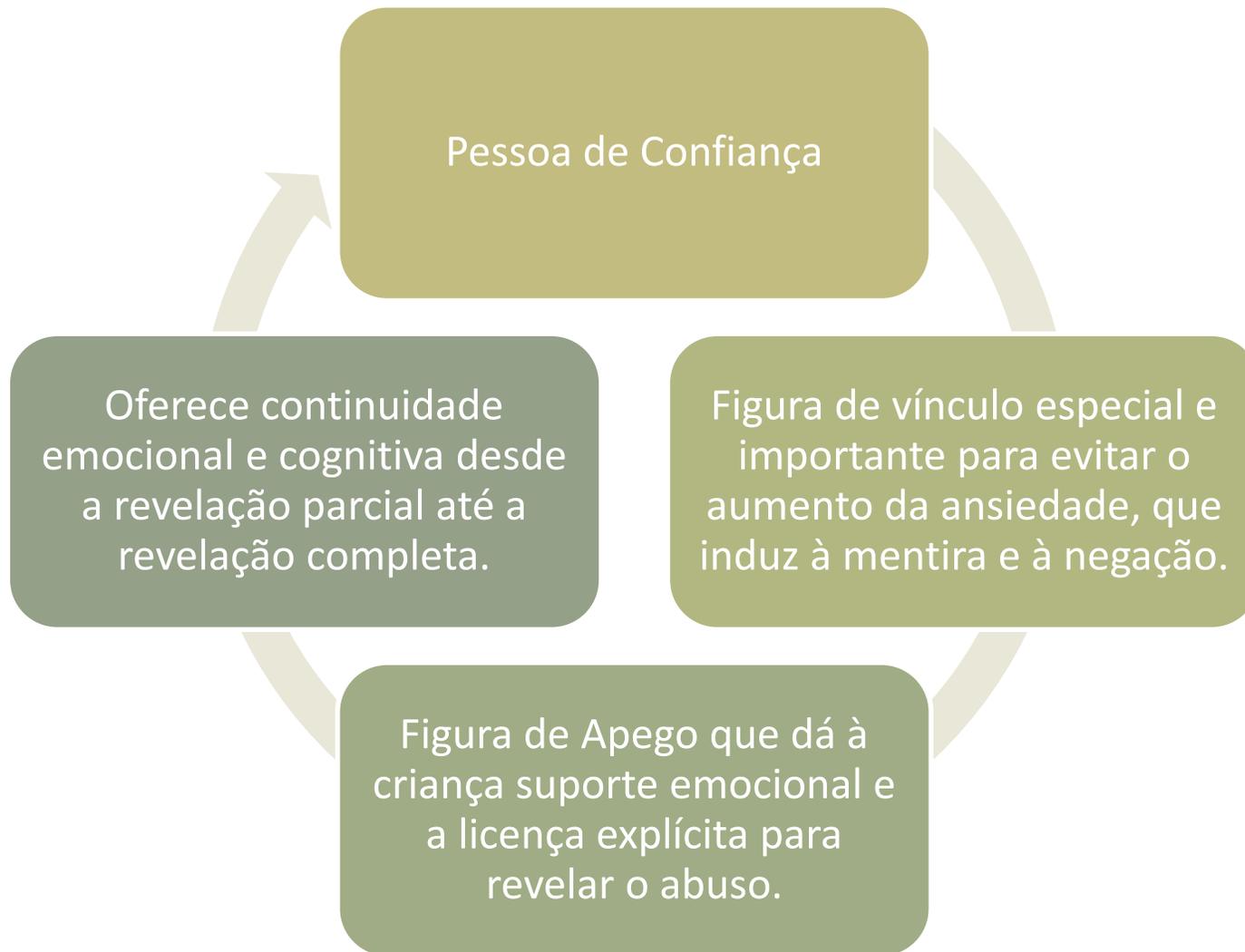
1. Lidar com a crise profissional da revelação
2. Preparar a intervenção
3. Lidar com a crise familiar da revelação

Intervenções diante de suspeita de primeira linha

- Procurar sinais e acreditar na comunicação da criança
- Confirmar uma revelação parcial
- Planejar intervenção no estágio da suspeita de segunda linha – dar continuidade ao fluxo de atendimento previsto

Riscos da revelação total prematura

- Negação
- Alegações inconsistentes
- Pressão sobre a vítima para a manutenção do segredo



A Escuta Especializada e a Pessoa de Confiança

Estudo de caso

Flávia tem 9 anos. Contou para 3 amigas da escola que à noite, quando sua mãe vai dormir, seu padrasto aumenta o volume da TV e vai para seu quarto, e lá passa a mão pelo seu corpo, inclusive genitália. Uma das amigas contou para sua mãe, a qual se dirigiu à escola para relatar o fato. A diretora chamou Flávia e esta acabou por lhe confirmar o relato. Porém, a criança pede, muito angustiada, para que não falem para sua mãe, pois tem irmãos menores e não quer que eles cresçam longe do pai. Além disso, dependem financeiramente do padrasto e, diante disso, não acredita que a mãe a apoiará.

A escola acionou a Assistente Social que atua na gestão. Trata-se de município muito pequeno, por isso a profissional atua também na casa-lar da cidade. O município não dispõe de psicólogo. A assistente social tem dúvidas acerca do encaminhamento do caso, mostrando-se muito receosa quanto a reação da mãe ao ser confrontada com a revelação.

Obrigada!

Patricia Lages

Psicóloga do Ministério Público do Estado do Paraná

E-mail: pdsplima@mppr.mp.br

Tel: (41) 32508778